



Luma Nogueira de Andrade
(Organização)

Comitê Editorial

Alexsandro Rodrigues

Alfrâncio Ferreira Dias

Amana Rocha Mattos

Anderson Ferrari

Antonio Luciano Morais Melo Filho

Carlos Eduardo De Oliveira Bezerra

Felipe Bruno Martins Fernandes

Gabriel De Oliveira Rodrigues

José Wellington De Oliveira Machado

Luma Nogueira De Andrade

Marcos Lopes De Souza

Marcos Salviano Queiroz

Maria De Fátima Lima Santos

Wilton Garcia Sobrinho



realize
Editora

2019



REALIZE EVENTOS CIENTÍFICOS & EDITORA LTDA.

Rua: Aristides Lobo, 331 - São José - Campina Grande-PB | CEP: 58400-384

E-mail: contato@portalrealize.com.br | Telefone: (83) 3322-3222

Sobre o ebook

Design da Capa Realize Editora

Projeto Gráfico e Editoração Jefferson Ricardo Lima Araujo

Ficha catalográfica

Andrade, Luma Nogueira

Diversidade Sexual, gêneros e Raça: Diálogos Brasil-África / Luma Nogueira
Andrade. Realize Editora: Campina Grande-PB, 2019.

1972 f. : il

ISBN: 978-85-61702-57-1

Modo de acesso: <http://www.editorarealize.com.br/>

1. Diversidade Sexual. 2. Gênero. 3. Raça. 4. Brasil. 5. África. I. , . II. Título.

TRANSEXUAIS E TRAVESTIS: OS HOMO SACER DA CONTEMPORANEIDADE E A ELIMINAÇÃO DAS FORMAS DE VIDA DISSIDENTES

Flávia Haydeé Almeida Lopes¹

Luanna Tomaz de Souza²

Resumo: O presente trabalho aborda a transexualidade sobre o olhar dos autores Michel Foucault e Giorgio Agamben, o método desenvolvido é o dedutivo e a pesquisa é bibliográfica. Primeiramente, identificando na experiência transexual os elementos da vida nua do Homo sacer e apresentando as técnicas reguladoras da biopolítica, que estabelecem um padrão de normalidade a ser seguido e no que tange a sexualidade este é a heterossexualidade. Alguns indivíduos que não estão inseridos neste padrão, estarão sujeitos ao racismo de estado, sendo eliminadas do convívio social, seja da escola, família ou mercado de trabalho, e expostas a todo tipo de violência, culminando em numerosos assassinatos com requintes de crueldade, porém silenciados por um sistema que os produz e os reforça.

Palavras-chave: Transexualidade, Biopolítica, Homo sacer, Violência.

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Direito. Bolsista CAPES – Universidade Federal do Pará.
E-mail: flaviahyd@gmail.com;

2 Doutora em Direito pela Universidade de Coimbra – Docente do Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal do Pará.
E-mail: luannatomaz@hotmail.com

Introdução

A violência contra a população LGBT tem ocasionado um elevado número de vítimas e proporcionado sequelas orgânicas e emocionais de grande magnitude, de acordo com o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil (SDH, 2013), no ano de 2012, foram registradas pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBTI no Brasil- sendo que em uma única denúncia pode haver mais de um tipo de transgressão. Dentre as diferentes identidades sexuais e de gênero que compõe a sigla LGBT, as pessoas transexuais e travestis são as mais marginalizadas e as que mais morrem, segundo o Transgender Europe's Trans Murder Monitoring (TMM) mostra que 50% das mortes de transexuais do mundo ocorreram no Brasil.

O objetivo deste trabalho é estudar mais a fundo as causas que fomentam a violência contra pessoas transexuais e travestis. Quando se observa a condição sob as quais estes sujeitos estão inseridos na sociedade, a exclusão pela família, pela escola, pelo mercado de trabalho, a expectativa de vida reduzida, os elevados casos de suicídio, os numerosos e assustadores casos de violência física, sexual, é difícil ignorar sua vulnerabilidade e não se questionar sob quais fundamentos ela se sustenta.

Agamben e Foucault nos fornecem um arcabouço científico sobre as vidas que fogem a normalização, os anormais, os *homo sacer*, e a forma como estes são dizimados para fortalecer um sistema de regulação, um poder soberano. Sendo este o objetivo da pesquisa, caracterizar as pessoas transexuais, enquanto *homo sacer* inseridos numa lógica do racismo estatal, se tal conformação seria capaz de explicar o que leva as condições acima dispostas.

Metodologia

No presente trabalho buscou-se responder a seguinte pergunta-problema: de que forma as violências impetradas contra pessoas transexuais configuram uma consequência da ação da biopolítica sobre os corpos, tornando-as *homo sacer*, aqueles cujas vidas são nuas?

Para responder tal pergunta o método utilizado é o dedutivo, buscando apresentar as teorias dos autores Agamben e Foucault aplicadas a realidade transexual. Assim como a pesquisa é majoritariamente bibliográfica, por se tratar de uma parte introdutória de uma pesquisa maior em andamento.

O *homo sacer* da contemporaneidade: transexualidade

Por diversos períodos da história, as formas de vida foram hierarquizadas e classificadas de forma distinta, havia uma separação entre a vida em si, biológica, e uma vida política, qualificada, a qual apenas alguns indivíduos poderiam exercer, a qual era o objeto da política, de importância, a vida que era pública, que nos separava da mera vida animal. Na modernidade, as formas políticas não objetivam mais o controle da *bíos*, ou seja, da vida política qualificada, mas sim, buscam controlar e

dispor da própria *zoé*, a vida em si propriamente dita. Agamben (2002) utilizando-se de terminologias do direito romano arcaico, nos remete a figura do *homo sacer*, que seria essa vida que está numa zona de indistinção, entre *zoé* e *bíos*, entre inclusão e exclusão da vida política.

Castro (2013, p.64) em sua leitura de Agamben descreve nestes termos, quem seria o *homo sacer*: “homem sagrado, *Homo sacer*, é aquele que o povo julgou por algum delito, e não é lícito sacrificá-lo, porém se alguém o mata, não será condenado por homicídio”. O *homo sacer* é aquele que é marcado pela sacralidade, possui uma vida que é ao mesmo tempo sacra e nua, esvaziada de valor e sentido. Se pensarmos mais profundamente, podemos dizer que o *Homo sacer* não é a vida sem valor, mas sim, que se encontra fora do valor, exterior a qualquer qualificação, uma vida que não é pensada enquanto vida, enquanto existência, mas como um elemento abjeto e desajustado.

A estrutura da Sacralidade, segundo Agamben (2002), parte da conjunção de dois aspectos: a impunidade do assassinato, que configura uma exceção do direito humano, do direito penal, de forma a suspender a aplicação do direito, da tipificação de homicídio, quando se trata de uma vida sacra. A vida do *Homo sacer* situa-se num cruzamento entre a matabilidade e uma insacrificabilidade.

Aqui podemos relacionar a vida do *homo sacer* e das pessoas transexuais, mas primeiro devemos responder: quem são essas pessoas transexuais? Até meados do século XVII, havia o entendimento de que existia apenas um corpo e dois gêneros. Segundo Bento (2008), a corrente do pensamento era o isomorfismo, o qual pregava que a mulher nada mais era do que um homem invertido, todo o complexo de órgãos que compunham o sistema reprodutor feminino tinha equivalência com o masculino. Apenas no século XIX, como mostram os estudos de Laqueur (2001 *apud* Bento, 2008), os trânsitos entre os gêneros foram interrompidos. Passamos então ao dimorfismo sexual, a ciência passa a entender que homens e mulheres têm estruturas corporais distintas, com uma função social própria e imutável. A diferença sexual é utilizada para justificar a hierarquia masculina, entendendo atividades típicas femininas a maternidade e a amabilidade, tornando-as naturais por meio da repetição.

A partir do momento em que se estabelece um padrão de normalidade nas práticas sexuais e identitárias, cria-se, concomitantemente, a anormalidade. A experiência transexual encontra-se neste espectro, exterior as normas de gênero, tornando-se indivíduos dissidentes, indesejados. Para Bento (2008, p.20) a “transexualidade, travestilidade, transgênero são expressões identitárias que revelam divergências com as normas de gênero uma vez que são fundadas no dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações”.

Como expõe Bento (2011), as pessoas transexuais tornam-se fugitivas do cárcere dos corpos-sexuados e essa fuga é marcada por dores, conflitos e medos. Portanto, a pessoa transexual tem a sua vivência e a própria existência marcada pela anormalidade, são seres abjetos, indesejados, cuja a experiência é silenciada, marcados pela violência simbólica da normalização, buscando incessantemente ajustar-se as normas de gênero e sexualidade, e pela violência física, a morte é um elemento presente na experiência transexual.

É possível, então, encontrar elementos do *homo sacer* na experiência identitária transexual. A sacralidade da dupla exceção e dupla inclusão, o *homo sacer* é excluído tanto da esfera jurídica, quanto da religiosa, são condições similares a vivência de pessoas transexuais. Santos e Krawczak (2017) demonstram que a violência e a morte de inúmeras travestis e transexuais sem que haja clamor por parte da mídia e da sociedade em geral, explica-se, pois, estas vidas não possuem valor dentro da sociedade da heteronorma, são vidas nuas. Agamben

(2002) afirma que tal argumento tem conteúdo técnico podendo servir de defesa diante de um julgamento, e de fato o é, quando tais assassinatos alcançam a visibilidade não chocam, não comovem, não geram mobilização, pois o mesmo pensamento que move o assassino, permeia a sociedade: são vidas matáveis, quando assassinadas seus algozes vociferam que a existência delas era uma afronta, invocando assim a sacralidade dessas vidas.

Como expõe Carvalho (2006), o *homo sacer* é o indivíduo que não está inserido em um conjunto de leis positivas e nem é sujeito de direitos humanos, logo “quem não é sujeito moral não é humano; quem não é humano carece de direitos; suprimir a quem não é humano e carece de direitos está moralmente justificado e se faz necessário se com isso se restitui a ordem social e o próprio regime de direitos” (p.235)

A normalização das formas de vida: a biopolítica e o racismo de estado

O poder soberano é aquele que pode alterar ou manter uma situação, seu poder se mantém pela escolha das vidas que serão banidas, que se tornarão sacras, é este poder que cria o *homo sacer*, decidindo que é digno e relevante de continuar vivo. Este sistema que estabelece normas de como viver e como existir socialmente, excluindo metodicamente aqueles que não se encaixam nos padrões determinados. Para compreender essa normalização da sexualidade e das formas de vida, faz-se necessário adentrar nos estudos de Foucault.

Foucault (2005) demonstra que na biopolítica do – fazer viver, deixar morrer – temos tanto uma obra de normalização, quanto marginalização. Porque quando se define o normal, cria-se o anormal, aquele que está nas margens. Operando uma hierarquização entre as categorias que mais se aproximam da norma, do centro, justamente por esse motivo, os sujeitos estão sempre tentando se amoldar a essas normas, chegar ao centro, uma constante luta para se adequar a biopolítica e o seu “fazer viver”.

Louro (2000) reforça o dito acima sobre a hierarquização das categorias que se aproximam do centro. Os grupos sociais que ocupam posições centrais, ou seja, os ditos “normais”, no que tange gênero, sexualidade, classe, raça e etc, tem a possibilidade de representar a si mesmo e aos outros, estabelecendo sobre os demais grupos, hierarquicamente inferiores por suas diferenças, seus padrões estéticos, éticos, científicos.

Esse mecanismo dentro do campo da sexualidade mostra-se ainda mais acentuado, logo que nele uma forma de sexualidade funciona como referência para todos os sujeitos. Esta sexualidade hegemônica

é a heterossexualidade, esta é concebida como “natural” e normal, segundo Louro (2000), desta forma, as outras formas de sexualidade e identidade de gênero são constituídas como antinaturais, abjetas e anormais, como é o caso da transexualidade. Nesse cenário, questiona-se: o que justificaria a morte das pessoas transexuais dentro de um sistema que tem como escopo normatizá-las?

Para responder essa pergunta, Foucault (2005, p.305) introduz o conceito de racismo de Estado como sendo: “o meio de introduzir nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. A função do racismo de estado é garantir a normalização, a regularidade, a homogeneidade e a homeostase populacional, constituindo sujeitos “dispensáveis”, que podem ser deixados para morrer ou morrer para “defender” e proteger a própria população. Proteger, no sentido de que a morte do outro, da raça ruim, do degenerado, do anormal, é necessária, permitindo uma vida melhor. À morte dos grupos que compõem as posições inferiores da hierarquia, do tipo: “quanto mais você mata, mais você fará morrer” ou “quanto mais você deixa morrer, mais, e por isso mesmo, você viverá” (p. 305)

Neste ponto, os ensinamentos de Foucault e Agamben se encontram, na formação do que constitui a identidade transexual. São vidas que não seguem o modelo de sexualidade padrão, a heteronormatividade, e ao fugir do “Fazer viver” da biopolítica, estes indivíduos tornam-se descartáveis, vidas nuas, o *homo sacer*, aquelas que podem ser descartadas, e não só isso, aqueles que devem ser descartados. Dentro do racismo de Estado, a morte destas pessoas é uma forma de fomentar o padrão existente, matar aqueles que são dissidentes fortalece o biopoder soberano.

A morte das pessoas transexuais é fomentada por esses elementos, tanto serve a manutenção do biopoder, uma performance do racismo de Estado. Como são deliberadamente invisibilizadas, apagadas, como uma limpeza social silenciosa, como demonstra Agamben (2002), suas mortes não são assassinatos, pois sua vida está esvaziada de valor, são *homo sacer*.

Conclusões

Diante do cenário assombroso que cerca a vivência de pessoas transexuais e travestis, a exclusão dos espaços sociais, os assassinatos com requintes de crueldade, a inviabilidade na mídia, o silenciamento no judiciário, a falta de investigação de suas mortes, não há como se negar a existência de um sistema que se estrutura com o objetivo de dizimar estas formas de vidas.

Todos nós, enquanto cidadãos e sujeitos políticos temos nossas vidas restringidas por esses reguladores, nós também estamos constantemente tentando nos ajustar aos padrões de gênero e de sexualidade. Tais normas que são reproduzidas até a exaustão, tomando caráter de naturalidade, no entanto, nada é natural, pelo contrário foi pensado e construído socialmente.

Essa reflexão muitas vezes é deixada de lado por aqueles que estão mais próximos do centro, da normalidade, que muitas vezes sentem uma ilusão de liberdade, deixam de buscar sua emancipação. Por outro lado, temos os marginalizados, os dissidentes, os anormais, que vivem numa constante luta

com a normalização, com a regulação de suas vivências, sua mera existência é uma fonte de resistência, pois onde a imposição sempre haverá resistência.

A experiência de gênero transexual é marcada pela violência, são vidas marcadas para morrer quanto mais tentam se rebelar. Vidas que só existem na medida em que são invisíveis, porém quanto mais silenciadas, mais são aparentes. A sua vida é a resistência contra o biopoder e sua heteronormatividade.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BENTO, Berenice. A Diferença que faz Diferença: corpo e subjetividade na **transexualidade**. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, nº 2, 2011, p. 95-112. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2298>>.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008

BRASIL. **Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República. Relatório da Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**

CARVALHO, Thiago Fabres de. **O “direito penal do inimigo” e o “direito penal do homo sacer da Baixada”: exclusão e vitimação no campo penal brasileiro**. Revista da Procuradoria Geral do Estado do Espírito Santo Vitória, v. 5, n. 5, p. 1 - 488, 1º/2º. sem. 2006

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Giorgio Agamben: uma arqueologia da potência**. Ed. Autêntica. 2013.

FOUCAULT, Michel, **Em Defesa da Sociedade**, São Paulo: Martins Fontes, 2005, “aula do 17 de março de 1976”.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da Sexualidade. 2º ed. Belo horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em:** < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1>>

SANTOS, Juliana Oliveira; KRAWCZAK, Kaoanne Wolf. **Brasil, O País Que Mais Mata: Uma Análise Crítica Acerca Da Violência Contra Travestis E Transexuais**. In: Ciências Criminais & Direitos Humanos - Volume II / ZEIFERT, Anna Paula Bagetti; NIELSSON,

Joice Graciele; WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi (orgs). Bento Gonçalves, RS: Ed. Refletindo o Direito, 2017. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/54265233/Ciencias_Criminais_Direitos_Humanos_-_Volume_II__Editora_Refletindo_o_Direito.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1532842093&Signature=TEBNdTAb4YgETwUtX94eeXqs50k%3D&response-content-disposition=inlinen%3B%20filename%3DCIENCIAS_CRIMINAIS_and_DIREITOS_HUMANOS.pdf#page=95>

TRANSGENDER, Europe (TGEU). Trans murder monitoring (TMM) **International Day Against Homophobia, Transphobia & Biphobia (IDAHOT). 2016. Disponível em:** <http://transrespect.org/en/idahot-2016-tmm-update/>